

A política em José Ortega y Gasset: o agir humano no início do Século XX

**Gustavo
Martins do
Carmo Miranda**

Graduando do
5º período de
Ciências Sociais pela
Universidade Federal
de Minas Gerais
gustavmcm@gmail.com

Palavras chave:

Ortega y Gasset;
Século XX; Político;
Sociedade Europeia;
Hannah Arendt;
Totalitarismo;
Humanas, Massas e
Estado;

Key words:

Ortega y Gasse;
Thetwentieth
Century; Political;
European Society,
Hannah Arendt,
Ttotalitarianism;
Human Bodies and
State;

RESUMO: O presente artigo pretende explorar o pensamento político do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Serão destacadas as ideias do autor diante do contexto da sociedade europeia no início do século XX. Diante disso, serão resgatadas algumas considerações acerca da trajetória de vida do pensador espanhol, bem como algumas considerações em torno de suas características enquanto intelectual. Em um segundo momento, este trabalho desenvolverá algumas comparações entre Ortega y Gasset e Hannah Arendt em relação ao próprio advento do século XX, demonstrando algumas semelhanças de análises. Posteriormente, será explorado o lado político de Ortega y Gasset em seus escritos, destacando o próprio advento do totalitarismo, a supremacia das massas, a ação do Estado e as condutas humanas.

ABSTRACT: This article seeks to explore the political thought of the Spanish philosopher Jose Ortega y Gasset. Will highlight the author's ideas on the context of European society in the early twentieth century. Given this, will reintroduce some considerations about the life trajectory of the Spanish thinker, as well as some considerations about its characteristics as an intellectual. In a second step, this paper will develop some comparisons between Ortega y Gasset and Hannah Arendt in relation to the very advent of the twentieth century, showing some similarity analysis. Later, you explored the political side of Ortega y Gasset in his writings, especially the very advent of totalitarianism, the supremacy of the masses, state action and human behavior.

Introdução

*"A primeira ideia política de Ortega
que deve ser lembrada é que a na-
ção, a sociedade, constitui a realida-
de histórica efetiva e não o Estado"*
(Gilberto de Mello Kujawski)

O advento do século XX possibilitou o desenvolvimento de inúmeros estudos e análises detalhadas acerca dos indivíduos e suas relações com a sociedade (ARENDT, 1998; REICH 1974). Pensamentos em torno de questões políticas, sociológicas, psicológicas e econômicas, por exemplo, guiaram grande parte dos trabalhos de intelectuais ligados à primeira metade do século XX. Temas como socialismo, totalitarismo e capitalismo eram recorrentes neste novo processo de transição da sociedade. As tensões sociais marcaram a dinâmica do novo século. Nesse contexto, a Europa se destacou. Transformações significativas ocorreram no velho continente. A Rússia assistiu à queda do regime monárquico dominado pelos czares e, diante da Revolução iniciada em 1905, alterou por completo a sua estrutura organizacional. Nações unificadas no século XIX, como a Alemanha e a Itália, solidificaram suas bases nacionalistas e ampliaram junto com outros países europeus novas influências e dominações em vários territórios. As tensões, em decorrência de disputas territoriais e pela supremacia, acarretaram conflitos sem tamanho, possibilitando o advento da 1ª Guerra Mundial e suas consequências nefastas para a humanidade (como, por exemplo, a ascen-

são dos regimes nazi-fascistas). O ano de 1914 carregou para a posterioridade o desdobramento das guerras de massas (HOBBSAWM, 1994). O advento do novo século parecia tomar rumos preocupantes e incertos.

A busca pela supremacia e pelo poder era a meta a ser alcançada. Transformações econômicas, por exemplo, trouxeram uma nova dinâmica nas indústrias. Nesse contexto, o fordismo como sistema de produção voltado à fabricação em massa abrigava-se nas indústrias trabalhadoras que executavam apenas uma etapa produtiva, ocasionando a perda de qualificação na mão de obra. As máquinas começaram a substituir os operários. O cinema explorou este cenário em *Os Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin¹. Na literatura, a influência de Charles Baudelaire observada já no século XIX em torno da figura do flâneur expressou um novo enfoque reflexivo diante do indivíduo perante o nascimento das grandes cidades.

Sem rumo e sem uma perspectiva definida, o indivíduo do início do século XX encontrou uma turbulência de acontecimentos em sua volta. Decifrar esse emblema no meio social parecia ser uma das preocupações de José Ortega y Gasset. A sua importância como pensador e como alguém que vivenciou de perto as turbulências de uma Espanha e principalmente de uma Europa desordenada coloca em aberto a importância de retomar as ideias presentes em seus escritos. O interesse de Ortega não se limitou às questões estritamente filosóficas, mas o pensador procurou levar o seu ponto de vista filosófico a todos os temas possíveis. Pensando nessa contextua-

¹ Neste filme, Charles Chaplin aborda a vida diária de um trabalhador industrial em meio aos duros fazeres do homem na vida moderna. Sujeito a pressões e angústias, Chaplin explora ao mesmo tempo as tensões subjetivas e objetivas dos indivíduos na modernidade.

lização da primeira metade do século XX e seus efeitos diante da sociedade, é possível conectar a obra de Ortega y Gasset aos processos vivenciados na história. É nesse sentido que este trabalho pretende se debruçar no pensamento do autor espanhol, focalizando as suas análises em torno de uma compreensão política.

A postura intelectual de José Ortega y Gasset

A trajetória intelectual seguida por Ortega y Gasset o coloca como um dos grandes pensadores do século XX. Nascido em Madrid no ano de 1883 e falecido na mesma cidade em 1955, Ortega conviveu desde sua infância com a escrita. Seu pai jornalista e a família de sua mãe proprietária do jornal *El Imparcial* contribuíram para despertar o interesse do filósofo no universo erudito. Ortega cursou o bacharelado em um colégio jesuítico de Málaga e posteriormente continuou o seu estudo em Madrid, onde se doutorou em filosofia. Em 1904, recebeu o título de doutor pela Universidade Central de Madrid, iniciando sua carreira acadêmica. No ano de 1936 foi exilado do seu país, durante a guerra civil espanhola.

O pensador ibérico carrega em suas influências autores como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Leibniz, Kant, Unamuno, dentre outros. Ortega procurou resgatar na tradição judaica - cristã, por exemplo - o sentido histórico da vida (FERNANDES GONZALEZ, 2001). A geração que o antecedeu foi marcada pela amarga lembrança da guerra hispano-americana e a consequente derrota espanhola pelos Estados Unidos. No século XX, a Espanha assistiu a uma crise política, gerando o golpe de Estado aplicado pelos militares. Em 1930, implantou-se a ditadura militar. Já no ano de 1931, o rei espanhol fugiu para a França sem renunciar ao cargo, ocasionando a guerra civil. Vivenciando todo esse contexto nacional e europeu, Ortega procurou traçar uma compreensão diante das turbulências em sua volta, por meio de uma análise concisa perante o mundo. "A primeira condição para um melhoramento da situação presente é perceber bem sua enorme dificuldade. Só isto nos levará a atacar o mal nos estratos fundos de onde verdadeiramente se origina" (ORTEGA Y GASSET, 1962, p.47). A condição essencial para decifrar as causalidades do presente seria, para o autor, a necessidade primeira de se reconhecer diante do mundo, ou seja, estar sintonizado com o vivido, com o concreto.

Entender o pensamento de Ortega y Gasset é compreender a dinâmica do indivíduo em torno de sua construção ao longo da história, refletir acerca do tradicional, da importância de se voltar ao passado para compreender o presente, de garantir no processo histórico a participação das minorias como agentes de transformação e organização na sociedade; estas são, enfim, algumas das discussões elaboradas por Ortega em sua vasta obra. Todas estas questões estão relacionadas com sua própria definição de filosofia enquanto capacidade de pensar as verdades (ORTEGA Y GASSET, 1961), ou seja, de estar em plena lucidez diante do mundo.

A tradição em Ortega y Gasset pode ser per-

cebida pela sua preocupação com o presente. O autor refletiu acerca do passado com nítida veemência, ao citar a decadência do verdadeiro sentido atribuído às posturas morais e sociais da modernidade. O pensamento do filósofo espanhol procura resgatar o que foi perdido pelo tempo:

"Daí que ainda acreditasse em épocas relativamente clássicas — o século de Péricles, o Renascimento -, onde se haviam preparado os valores vigentes. Isto bastaria para nos fazer suspeitar dos tempos de plenitude; levam a cara voltada para trás, olham o passado que neles se cumpre." (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 87).

O crédito às épocas passadas perderia espaço justamente diante das convicções do homem no presente. A confiança cega na razão corresponderia, para Ortega y Gasset, ao suporte sobre o qual o homem transcorreria a Idade Moderna. Os povos sempre guardam no seu seio as marcas de sua origem, influenciando consequentemente todo o processo de sua existência. Quando se analisa o estado político e social de um povo, retomamos ao que foi estabelecido pela sua origem (TOCQUEVILLE, 2005). Assim, tudo deve ser relacionado enquanto processo histórico.

As minorias, na concepção de Jose Ortega y Gasset, eram portadoras de uma significância importante para as construções dos processos históricos da civilização. Segundo o autor:

"E é indubitável que a divisão mais radical que cabe fazer na humanidade é esta em duas classes de criaturas: as que exigem muito de si e acumulam sobre si mesmas dificuldades e deveres, e as que não exigem de si nada de especial, mas que para elas viver é ser em cada instante o que já são, sem esforço de perfeição em si mesmas, bóias que vão á deriva." (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 64)

Dessa maneira, as minorias para o pensador espanhol eram dotadas de qualidades propícias para a dinâmica da sociedade. Seriam indivíduos qualificados para executarem tarefas especiais, ao contrário das massas. Compreender a definição das minorias em Ortega y Gasset é crucial para entender a sua preocupação com o seu país. Em sua obra *Espanha Invertebrada* (1959), o autor demonstra que a história da França e da Inglaterra seriam reflexos de uma ação contínua de minorias à frente (ORTEGA Y GASSET, 1959). A falta de uma nação organizada por uma seleta gama de indivíduos qualificados seria a causa da desorganização histórica presente na Espanha de Ortega: "La ausencia de los mejores, o cuando menos, su escasez, actúa sobre nuestra historia y ha impedido que seamos nunca una nación suficientemente normal, como lo han sido las demás nacidas de parejas condicionales"² (ORTEGA Y GASSET, 1959, p. 146).

Ortega expressava o seu conceito em massas e minorias relacionadas às capacidades determinadas em certas atribuições na esfera social. Dessa forma, faltaria um grupo capaz de atuar na condução da sociedade espanhola e, consequen-

² A ausência dos melhores, ou quando menos sua escassez, atua sobre nossa história e nos impediu de sermos uma nação suficientemente normal, como têm sido as demais nascidas de grupos condicionais.



temente, no próprio contexto europeu vivenciado pelo autor. O equilíbrio de uma nação passaria pelas atribuições delimitadas a cada grupo.

O que parecia preocupante para o autor era a predominância das massas sobre a sociedade, extinguindo por completo a atuação das minorias. O processo de solidificação dos grupos seletos de Ortega como minorias se renovaria ao longo do tempo, sem perder as suas qualidades. No entanto, as minorias designadas por Ortega y Gasset se perderam na modernidade: "Para Ortega é o especialista, o homem de ciência, o técnico (hoje diríamos o tecnocrata) o campeão do primitivismo mental e o protótipo do 'homem - massa' (KUJAWSKI, 1994, p.82)". Este mesmo especialista seria uma figura agressiva do "homem-massa" na modernidade, perdendo a característica pretendida pelo filósofo espanhol em torno da preponderância histórica de uma minoria seleta de homens enquanto indivíduos qualificados.

Talvez preocupado com a ordem social, Ortega y Gasset desenvolveu suas estruturas de análise em cima de uma conexão entre a sociedade e sua relação com o indivíduo. O sujeito como realidade concreta seria um fator determinante para o autor diante do desenvolvimento histórico, mas a sociedade teria o seu papel em torno da ação dos indivíduos:

"O social consiste em ações ou comportamentos humanos, é um fato da vida humana. Mas a vida humana é sempre a de cada um, é a vida individual ou pessoal e consiste em que o EU de cada se encontre tendo de existir em uma circunstância, - o que costumamos chamar mundo(...)." (ORTEGA Y GASSET, 1960, p. 45)

A vida individual e sua índole revestem também o âmbito da vida social. O que recorreria em Ortega seria reprimir a razão como simples soberania de fundamentos (CALDAS, 1994). O mundo, como

construção de fatores variados de elementos, é conectado à nossa ação por uma heterogeneidade de formas e instâncias. Os problemas vivenciados por Ortega, no início do século XX, passariam pela supremacia da razão ou pela confiança na razão como verdade inconfundível e a falta de uma reflexão dos sujeitos enquanto formuladores de decisões e opiniões.

Ortega, portanto, não esconde a importância da sociedade em torno das nossas experiências de vida. A sociedade enquadra um sistema verdadeiro de convivência, baseado nas ações dos indivíduos. O passado enquanto constituinte da formação histórica é a prova determinante para estabelecer esta ligação entre sociedade e sujeito. Apesar de enfatizar os papéis de formação das nações em torno das minorias seletas de indivíduos enquanto classe de homens, o filósofo não se esquece da importância do meio social enquanto enquadramento da construção do mundo. A perspectiva do autor é relacionada a um realismo crítico. Suas análises não pretendem atingir níveis de entendimentos ilusórios ou inimagináveis. Tudo isso se relaciona aos problemas políticos europeus observados no início do século XX.

A aproximação com Hannah Arendt

Nada melhor do que relacionar Ortega y Gasset à escritora alemã Hannah Arendt. Se Ortega y Gasset é crítico à situação atravessada em seu tempo, em Arendt a situação não é diferente. As preocupações com o surgimento de novas tecnologias e os domínios progressivos do homem sobre a natureza são para a autora sinais de uma ruptura perante a preservação das obras humanas como entidades permanentes. Diante disso, a figura do especialista vista com pessimismo em Ortega pode ser conectada à visão de Arendt em relação à supremacia da tecnologia: "Não resta dúvida que a capacidade para agir é a mais perigosa de todas as aptidões e possibilidades humanas, e é também indubitavelmente que os riscos autogerados com que se depara hoje a humanidade jamais foram comparados anteriormente" (ARENDR, 1972 p. 95).

Fica clara nesta passagem a angústia da autora em relação ao agir humano. O avanço das técnicas parecia ser uma armadilha para o meio social. A perda da autoridade, para a autora, não seria uma perda dita de coerção ou violência, mas sim um esquecimento da ordem vivenciada no passado. "A autoridade que perdemos no mundo moderno não é esta autoridade em geral, mas antes uma forma bem específica, que fora válida em todo o mundo ocidental durante longo período de tempo" (ARENDR, 1972 p.129). A validade histórica do conceito de autoridade perdeu, como salienta a autora, o seu real significado diante da modernidade.

Se Hannah Arendt pretendeu relacionar o passado ao presente, a importância da história como realidade do homem é visível nas ideias da autora. Negar o passado era algo que Ortega chamaria de absurdo ou ilusório (ORTEGA Y GASSET, 1962). O passado seria o elo principal para ajudarmos a decifrar o presente.

Em Ortega, há sintonia com Arendt em relação a fatores como a Revolução Francesa diante da compreensão histórica. Parece que ambos os

autores reconheciam os perigos decorrentes dos acontecimentos ocorridos na França no século XIX:

"O fato de não apenas as várias revoluções do século XX, mas de todas as revoluções desde a Francesa terem malogrado, terminando ou em restauração ou em tirania, parece indicar que mesmo estes últimos meios de salvação proporcionados pela tradição se tornaram inapropriados" (ARENDT, 1972 p. 186).



Não resta dúvida de que a Revolução Francesa expressou uma nova marca para o rumo da sociedade. Entretanto, o seu desenrolar gerou um nível de pânico e desorganização social sem tamanho, como foi observado no período do governo de Robespierre e das atrocidades proporcionadas pela guilhotina. As restaurações francesas em nada contribuíram para sanar as convulsões sociais, a Revolução de Julho de 1830³ indicou a ineficiência de uma possível salvação proporcionada pela tradição. É nessa linha de pensamento que possivelmente Arendt se colocou perante as consequências desenroladas pelas grandes revoluções. Ortega caminha pelos mesmos pensamentos da autora alemã:

"E se ser revolucionário é já coisa grave, quanto mais sê-lo paradoxalmente por tradição! É verdade que na França fez-se uma Grande Revolução e várias torvas ridículas; mas, se no atermos à verdade nua dos sinais, o que encontramos é que essas revoluções serviram principalmente para que durante todo um século, salvo uns dias ou umas semanas, a França tenha vivido mais que outro qualquer povo sob formas políticas, em maior ou menor escala, autoritá-

rias e contrarrevolucionárias. Sobretudo, a grande depressão moral da história francesa que foram os vinte anos do Segundo Império, deveu-se bem claramente à extravagância dos revolucionários de 1848, grande parte dos quais confessou o próprio Raspail que haviam sido antes clientes seus" (ORTEGA Y GASSET, 1962 p. 48).

Apesar de Ortega não deslegitimar o marco histórico proporcionado pela Revolução Francesa, seu posicionamento enquanto crítico de tal desdobramento é convergente à posição de Arendt. As revoluções parecem aos olhos dos dois autores uma ruptura perigosa da ordem e da condição histórica da vida humana. Os homens, apesar de fazerem suas próprias histórias, não a estabelecem como um simples critério de livre arbítrio; os indivíduos acumulam ao longo do tempo as suas formações no âmbito social. Sem essa dimensão de reflexão, seria impossível perceber a importância da acumulação dos fatores envolvidos ao longo de cada transformação em diferentes períodos.

O problema das massas e o surgimento do totalitarismo

Não há dúvidas de que o grande problema observado na metade do século XX compreende o advento dos regimes totalitários verificados na Europa e suas conexões aos problemas relacionados às massas. O totalitarismo surgiu na Europa assumindo diferentes versões e aplicações, mas seria elaborado em torno de uma política voltada à dependência dos indivíduos em relação a um Estado forte, cuja figura de um líder central seria a simbologia de destaque. A capacidade de diversidade das ações humanas perdeu aos poucos a sua importância, dando lugar a um conjunto de normas universalistas guiadas pelo Estado totalitário. É nesse aspecto que os regimes totalitários foram se desenvolvendo gradativamente em alguns países europeus, contribuindo para o surgimento de líderes atroz. Tal advento desse novo regime preocuparia a própria estrutura do indivíduo que emergiu no século XX. A figura do "homem-massa" de Ortega parecia se relacionar com o caos que estava se formando na Europa. "Portanto, não se pode de maneira alguma isolar Hitler e analisá-lo apenas como uma personalidade individual. Em vez disso, pode-se ver o fenômeno de sua ascensão ao poder apenas em conexão com uma disposição do povo alemão que levou Hitler ao poder". (VOEGELIN, 2008 p. 83).

Passagens como esta comprovam a desconfiança de alguns autores em torno da ascensão dos regimes totalitários e sua relação com a população. Eric Voegelin não considera como fator isolado a subida de Adolf Hitler ao poder na Alemanha. A disposição do povo alemão ao nazismo poderia ser um reflexo do nascimento do "homem-massa". Dessa forma, o totalitarismo, enquanto objetivo a ser estabelecido, esboçava algo de totalmente novo, projetando uma ruptura total com o passado e suas relações. Talvez fosse esse o medo de Ortega y Gasset perante as grandes revoluções. A ideologia totalitária pretendia de certa forma explicar com uma clareza absoluta e de uma maneira

³ Esta Revolução foi alastrada por grande parte da Europa, ficando conhecida pelas Revoluções de 1830.

total o curso da história, tornando independente toda a experiência ou verificação propriamente dita (BOBBIO & MATTEUCI, 1986). Este curso total perante a história pretendia reduzir a historicidade dos indivíduos e consequentemente os seus princípios adquiridos ao longo do desenvolvimento da civilização.

Nessa ascensão do totalitarismo como dominação, surgiu, portanto, o que há de preocupante neste indivíduo recém-estabelecido no novo século. Ao mesmo tempo em que se desenvolveram novas técnicas, direitos e expectativas futuras, o conjunto que compõe a estrutura corporal e psíquica deste novo homem também sofreu mudanças. Nesse sentido, a preocupação de Ortega y Gasset girava em torno das ações dos indivíduos perante o espaço público, agora dominado por aglomerações sem igual:

"Que aspecto oferece a vida desse homem multidinário, que com progressiva abundância vai engendrando o século XIX? Desde já, um aspecto de omnimoda facilidade material. Nunca pôde o homem médio resolver com tanta folga seu problema econômico. Enquanto em proporção diminuíram as grandes fortunas e se tornava mais dura a existência do operário industrial, o homem médio de qualquer classe social encontrava cada dia mais franco seu horizonte econômico" (ORTEGA Y GASSET, 1962 p 110).

Essa mesma facilidade em resolver os problemas econômicos parecia ser uma premonição do autor para a terrível crise econômica de 1929. Não seria, pois, esta ostentação deste novo homem o alicerce principal daquela crise? Parecia que o novo indivíduo estava isento de barreiras sociais. O horizonte promissor da nova era o guiava, expandindo o sentimento de segurança e afetando o conjunto total dos homens. A massa para Ortega se enquadraria nesta faceta, ou seja, à medida que o mundo se expandia, a distância entre os indivíduos se comprimia. Logo, a estruturação dos comportamentos humanos iria se homogeneizando:

"Por 'massa' — prevenia eu no princípio — não se entende especialmente o obreiro; não designa aqui uma classe social, uma classe ou modo de ser homem que se dá hoje em todas as classes sociais, que por isso mesmo representa o nosso tempo, sobre o qual se predomina e impera" (ORTEGA Y GASSET, 1962. p 110).

Nesta passagem, se compreende o que presumiria, por exemplo, Eric Voegelin ao atribuir a subida de Hitler ao poder à própria capacidade de grande parte dos alemães em contribuir para a sua ascensão. Ora, se o "homem-massa" não designa especificamente o trabalhador braçal, mas sim um conjunto de homens sem distinção de classes sociais, pode-se dizer que o surgimento dos regimes totalitários refletiu as características do novo indivíduo que emergiu no século XX. Dessa forma, o indivíduo relatado por Ortega y Gasset como propenso a total segurança em seus atos, desprovido de limites e sem uma consciência his-

tórica seria um perigoso alicerce para se estabelecer o que se conheceu como totalitarismo. O fenômeno das massas, ao ser introduzido na questão da formação dos sistemas totalitários, faz pensar, portanto, que os membros de partidos políticos, por exemplo, poderiam ser facilmente transformados em multidão e levados a um estado de frenesi (SCHUMPETER, 1961). Ou seja, a inquietação do espírito seria fruto desta nova natureza humana. Massa e totalitarismo estariam, pois, entrelaçados.

O pensamento político de Ortega y Gasset

Analisar o que há de político no pensamento de José Ortega y Gasset é relacionar o seu trabalho como intelectual à sua própria trajetória de vida. O colapso da Monarquia em 1930⁴ na Espanha conduziu Ortega à participação política. Exercendo função de deputado, o filósofo participou dos grupos dos trabalhos das cortes no seu país. Dessa forma, a experiência diante do ambiente parlamentar foi importante para a construção de seus escritos. Obras como *Meditación de Europa* (1960), *História como Sistema*, *Mirabeau ou o Político* (1982) ou mesmo *A Rebelião das Massas* (1962) retratam os pensamentos de Ortega y Gasset sobre a política. O autor se debruça em termos interessantes, dialogando sobre o Estado enquanto instituição política e o próprio comportamento dos governantes. Nesse sentido, a contemporaneidade do pensamento do filósofo diante do que se passava ao seu redor foi claramente retratada em seus trabalhos.

O Estado no século XX parecia aos olhos de Ortega um perigo real diante da civilização europeia. A preponderância das ações administrativas e dos órgãos governamentais reduziria a ação dos indivíduos por completo, dando à máquina administrativa a capacidade de controlar as políticas das nações de forma majoritária. Os poderes públicos estariam, aos olhos do autor, dominados por grupos particulares, reduzindo a capacidade da opinião pública (ORTEGA Y GASSET, 1960). Os indivíduos, de modo geral, formariam as próprias bases para a organização da opinião pública, ou seja, estariam propensos a discutir e debater diante das decisões governamentais. O problema, no entanto, seria a redução desta função, no sentido de que o Estado passaria a deter plena hegemonia em torno de suas ações:

"Este é o maior perigo que hoje ameaça a civilização: a estratificação da vida, o intervencionismo do Estado, a absorção de toda espontaneidade social pelo Estado; quer dizer, a anulação da espontaneidade histórica, que em definitivo sustenta, nutre e impele os destinos humanos" (ORTEGA Y GASSET, 1962, p 183).

A consciência histórica para Ortega seria uma importante função a ser mantida pelos indivíduos ao longo do tempo, ou seja, a sua capacidade de conduzir os rumos da civilização à sombra de suas idealizações distintas seria o fruto da condição humana. O Estado, sustentando uma totalidade

4 A Espanha, nos anos 30 do século XX, era governada por grupos tradicionais, em contraposição à grande parte dos demais países europeus. Diante da Igreja Católica, do Exército e dos latifundiários, o país era o reflexo de seu passado imperial.

de ações, reduziria os sujeitos aos desejos da estrutura governamental. Diante da sobreposição da estrutura estatal, encontrava-se a própria figura do "homem-massa" que, segundo o autor, "[...] crê, com efeito, que [...] é o Estado e tenderá a cada vez mais a fazê-lo funcionar a qualquer pretexto, a esmagar com ele toda minoria criadora e que o perturbe em qualquer ordem". (ORTEGA Y GASSET, 1962 p. 183). Mais uma vez a figura do "homem-massa" e do Estado coincidem de maneira perigosa. Os sujeitos passariam a viver a serviço exclusivamente da máquina governamental. Esse era o problema fundamental vivenciado em grande parte dos países europeus, onde se presenciou a ascensão da figura de líderes como Mussolini, Hitler e Stálin ao poder. O Estado, portanto, existindo pela condição de dominação do homem sobre o próprio homem (WEBER, 2004), causaria a relação propícia para os regimes totalitários existirem. Ou seja, os meios políticos de gestão tenderiam a se reunir sob uma mão única de dominação.

Como seria o homem político para Ortega? Esta pergunta pode ser analisada quando se pensa na atuação do homem público. A vitalidade dos indivíduos como entes capazes de entender a realidade do mundo parecia, aos olhos do autor, uma dimensão importante de compreensão do indivíduo enquanto político. Ora, se a ação também está relacionada com a política, a capacidade de governar seria uma conduta voltada para o concreto, o desejável e o inteligível para os entendimentos humanos. Logo, o interesse público deveria ser pensado de maneira condizente à realidade:

"A Ásia é conformista: para ela o que é, deve ser. A Europa é reformista: para ela, o que não deve ser, é. Se ao fato da convivência intercontinental que caracteriza o presente século ativar algum sentido transcendente, este, será, sem dúvida, o de tornar possível a mútua complementação destas duas tendências exclusivas: a reforma originada de uma conformidade prévia com o real; a modificação ideal da vida, que tem como premissa haver reconhecido previamente suas condições" (ORTEGA Y GASSET, 1982 p 79).

O que Ortega estava buscando enquanto um conceito de política, ou melhor, enquanto a noção de política, estava intimamente relacionado ao contexto Europeu e à dinâmica da realidade enquanto construção histórica. O homem político, sendo ao mesmo tempo público, deveria estar ciente da importância da nação para depois pensar em um Estado. "O grande político sempre vê os problemas de Estado através e em função dos nacionais" (ORTEGA Y GASSET, 1982 p 80). A principal característica deste homem político estaria, portanto, na capacidade de atender primeiramente as necessidades de sua nação. Essa era a realidade efetiva do governante.

Fica claro, portanto, a preocupação de Ortega em torno da supremacia do Estado perante as nações. O grande político teria o dever de conservar a preponderância das nações a fim de evitar os

males causados pela presença maciça da máquina estatal. O pensador espanhol não delegou ao governo ou ao Estado (MARIAS, 1960) uma confiança plena para o equilíbrio das nações.

Considerações finais

Este artigo procurou, de maneira discreta, aproveitar o que havia de político no pensamento de José Ortega y Gasset. A importância de situar o autor espanhol em seu tempo foi fundamental para a estruturação do presente trabalho. As ideias de Ortega logicamente não foram vagas ou mesmo atemporais. O pensador espanhol vivenciou uma turbulência sem tamanho, tanto em seu país quanto na Europa. A primeira metade do século XX conduziu transformações únicas para o continente europeu. As consequências da Primeira Guerra Mundial e seus impactos para as nações europeias conduziram à produção escrita do pensador espanhol uma série de angústias, preocupações e dilemas, sem que ele deixasse de lado a sua grande riqueza intelectual.

A dificuldade de formular este artigo passou justamente pela tentativa de desenvolver uma análise mais concisa em torno da noção da política, por parte de Ortega y Gasset, tendo em vista a sua vasta erudição. Pareceu, então, mais dinâmico elaborar uma estruturação mais ampla, conduzindo as influências e as características intelectuais do autor espanhol ao universo da própria política. Diante disso, optou-se por abordar os trabalhos de Ortega frente às noções de massas, minorias, Estado, sociedade e do próprio indivíduo, perante os fatores políticos concretos observados na época. Há nestas abordagens uma busca, por parte do filósofo, em propor um equilíbrio social frente às turbulências vividas. Ao mesmo tempo em que era desejado este equilíbrio, era preciso dar importância ao ato individual dos sujeitos, pois estes eram capazes de organizar e conduzir a sociedade.

A discussão em torno de Ortega y Gasset e Hannah Arendt perpassou uma tímida análise comparativa entre eles, nada que auferisse uma discussão profunda entre os seus pensamentos. Procurou-se apenas relacionar as suas semelhanças enquanto era analisado o próprio desenrolar do século XX, diante da visão de pensamento de ambos os escritores. Os autores eram, afinal, de mesma época e, como tal, expressavam os seus receios, preocupações e angústias perante o advento de um novo século turbulento.

Foi desenvolvido, portanto, o conceito político de Ortega pensando justamente no advento dos regimes totalitários europeus, acreditando que naquele contexto estariam presentes as observações do pensador espanhol em torno dos seus conceitos de massas, de minoria e de dinâmica social (em que estariam inseridos a importância da tradição e consequentemente o resgate histórico dos indivíduos). Só assim seria possível compreender que, para Ortega, o Estado enquanto entidade governamental nunca poderia estar acima das nações. A máquina estatal, ao assumir o pleno controle dos membros de uma nação, instigaria o advento de regimes repressivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *As origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicolau. *Dicionário de política*. Tradução de Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: UNB, 1986.
- CALDAS, Sérgio. *A teoria da história em Ortega y Gasset a partir da razão histórica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- FERNANDES GONZALES, Angel Raimundo. *A gratuidade na ética de Ortega y Gasset*. São Paulo: Annablume, 2001.
- HOBBSAWM, E. J. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Ortega y Gasset: a aventura da razão*. São Paulo: Moderna, 1994.
- MARIAS, Julian. *Ortega*. Madrid: Revista de Occidente, 1960.
- ORTEGA Y GASSET, José. *España invertebrada: bosquejo de algunos pensamientos históricos*. 11ª edição. Madrid: Revista de Occidente, 1959.
- _____. *O Homem e a Gente*. Tradução de J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.
- _____. *Meditación de Europa*. Madrid: Revista de Occidente, 1960.
- _____. *Que é filosofia*. Tradução de Luis Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961.
- _____. *A rebelião das massas*. Tradução de Herreira Filho. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1962.
- _____. *Historia como sistema; Mirabeau ou o político*. Tradução de Juan A. Gili Sobrinho, Elizabeth Hanna Cortes Costa. Brasília: UNB, 1982.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Tradução de J. Silva Dias. Porto, 1974.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- TOCQEVILLE, Alex de. *A democracia na América*. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VOEGELIN, Eric. *Hitler e os alemães*. Tradução de Elpidio Mario Dantas Fonseca. São Paulo: Editora É Realizações, 2008.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octnay Silveira Mota. 12ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.